

## Correspondência de Afonso Lopes Vieira com algumas intelectuais | ‘mulheres de letras’

**Cristina Nobre\***

Nesta segunda década do século XXI, os estudos de género alcançaram uma voga impensável há um século atrás. Porém, o escritor Afonso Lopes Vieira (1878-1946) sempre manteve relações familiares, intelectuais, de intimidade e crítica literária com mulheres que o colocam muito próximo do que hoje se pode apelidar de figura pública ou opinion maker.

Deixarei de lado, nesta breve consideração, mulheres como a sua mãe, Mariana Lopes de Azevedo; a ama Maria do Rosário (referenciada no soneto XIV do 1.º livro de poemas de 1897, *Para Quê?*, nas pp. 67-68); Maria Helena da Veiga Manuel de Aboim (com quem se casou em 20 de abril de 1902); Maria da Luz Aboim Wasa de Andrade (a sobrinha que tão bem cuidou dos seus manuscritos e os doou, em 1979, à Biblioteca Municipal de Leiria); Leonor de Castro Guedes Rosa (mulher do ator Augusto Rosa, a grande amiga responsável pelo arquivo de muitas centenas de cartas e postais, ainda hoje preservados nos XIV volumes das *Cartas e Escriptos dirigidos a Affonso Lopes Vieira* guardados na Biblioteca Municipal de Leiria [BML]): todas elas tiveram um papel indispensável na criação de um ambiente propício à escrita e à duração do vasto espólio deixado manuscrito em autógrafos bem guardados por diligentes mãos femininas.

Não menos importantes terão sido as crianças-meninas que habitaram a vida do casal Afonso / Helena, sem filhos biológicos: Cristina e Isolda, filhas de Alda e Raúl Lino; as irmãs Rey Colaço – Maria, Amélia e Alice – filhas de Alexandre Rey Colaço e de Alice Lafourcade Schmidt; Helena Barradas (filha dos caseiros da quinta das Cortes, que praticamente viveu com o casal na qualidade de filha adotiva); Maria do Mar (menina do povo, salva de um afo-

---

\* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeia

gamento no mar frente à casa de S. Pedro, assim batizada por e tendo ficado a viver com o casal, imortalizada no poema “Maria do Mar” de *Ilhas de Bruma*, de 1917, nas pp. 71-74); as ‘meninas pobres’ que frequentavam o ‘Colégio da Rosa’, dirigido pela sua mulher, Helena de Aboim, com fins filantrópicos. Seguramente, o escritor e o poeta encontraram neste público próximo e privilegiado um vislumbre fundamental para a imagem especular de receção futura que a sua obra para a infância e juventude teria.

Poderia também referenciar as figuras femininas históricas que constituíram motivo literário na obra do escritor, numa obsessão persistente e a merecer uma análise mais demorada: Inês de Castro; Mariana Alcoforado. No entanto, limitar-me-ei a mulheres contemporâneas de Afonso Lopes Vieira, e transcreverei algumas das epístolas que me parecem mais significativas e se encontram entre os volumes da *Correspondência*, na esperança de que este pequeno ensaio traga de volta, pela mão de outros investigadores, as epístolas enviadas pelo escritor, e de que a maior parte dos autógrafos guardados na BML apenas se configuram como respostas.

Começo por **Matilde** Simon Rachel **Bensaúde** (1890-1969), filha de Alfredo Bensaúde e de Jeanne Eleanore Oulman, escritora de livros infantis, que foi visita da casa de S. Pedro em 1911 e 1912. Desse feliz encontro deve vir o projeto comum de escrita de um livro intitulado *Flores do Mar*, uma espécie de Botânica Marítima, que viria na sequência de *Animais nossos Amigos*. No entanto, esse encontro só ficou registado nas missivas trocadas entre o escritor e Leonor Rosa, em que é explicitamente referido:

[...] Quanto ao *Mar piqueno* q. eu quero q. se chame antes *Flores do Mar* (o q. a mh.<sup>a</sup> colaboradora, por espírito científico, não aceitou ainda inteiramente), vai caminhando bem, tendo eu apenas / notas tomadas, para trabalhar depois repousadamente, porq. o livro não sairá senão para a Páscoa. Pode e deve ser uma <vol> obrazinha mt.<sup>o</sup> original e cheia de poesia da natureza. Todos os dias Matilde B. me lê algum [+ esboço de] capítulo, feito ou refeito no eirado, antes do almoço, à sombra do guarda-sol azul. À noite fazemos leituras e tem estado na moda o doce Padre Manuel Bernardes, esse Mozart do misticismo, e a Historia Trágico-Marítima. [...] (BML, A125, n.º 33793-4, de 18 de julho 1915)

O segundo encontro, referido por Matilde na sua carta de 4 de março de 1917, quando se encontrava já em Paris, deve ter ocorrido no verão de

1915, como se pode ler na missiva de 12 de julho desse ano, enviada a Leonor Rosa:

[...] E antes q. me esqueça: a Matilde Bensaúde — uma leitora excepcional — teve uma impressão magnífica com as *Recordações*, q. leu agora em algumas manhãs da praia; e ficou mais nostálgica de um teatro cuja tradição ela admira pelo q. lhe conta o pai, e é precisamente o teatro evocado no livro e de q. o Augusto é o representante contemporâneo. [...] (BML, A125, n.º 33792)

Efetivamente, Matilde Bensaúde foi das primeiras mulheres portuguesas a licenciar-se em Ciências Biológicas, na Sorbonne, em Paris, onde acabou por se doutorar em 1918 (com a tese intitulada *Recherches sur le cycle évolutif et la sexualité chez les Basidiomycètes*). A partir de 1928 fez estudos em Wisconsin, nos USA, sobre fitopatologia, estudando as doenças e pragas das diversas culturas dos Açores e continente. Nos Açores, estabeleceu um serviço de assistência fitopatológica aos cultivadores de ananás. Trabalhou ainda no Instituto de Investigação Científica Rocha Cabral, de Lisboa, e devem-se-lhe as primeiras legislações sobre fitossanidade em Portugal. Trabalhou na delegação portuguesa de WIZO (*Women's International Zionist Organization*), tendo sido sua presidente em 1958.



**Ana de Castro Osório** (1872-1935) era filha de um reputado bibliófilo, notário e magistrado, João Baptista de Castro, que publicou um livro sobre questões jurídicas durante a sua estadia académica em Coimbra, e de Mariana Osório de Castro Cabral de Albuquerque. Em 1895 residia em Setúbal e começou a interessar-se por jornalismo, tendo feito algumas publicações, elogiadas por Tomás Ribeiro. A partir de 1898 escreve obras didáticas, romances, novelas, contos e peças infantis, iniciando a coleção de 18 volumes “Para as Crianças” (1897-1935), que lhe valeu um lugar de destaque na criação da literatura infantil em Portugal. Em 1897 casou-se com Francisco Paulino Gomes de Oliveira, poeta, publicista e membro do Partido Republicano, depois

de, anos antes, ter recusado o pedido de casamento de Camilo Pessanha, de quem se conservaria amiga até à morte. Com o virar do século, dedicou-se à causa republicana e à luta pela igualdade de direitos entre homens e mulhe-



res, pelo que se tornou numa das mais conhecidas ativistas feministas (logo após a implantação da República colaborou com Afonso Costa, então Ministro da Justiça, na elaboração da lei do divórcio). Em 1911, o marido foi nomeado cônsul em S. Paulo, e viveu durante cerca de 4 anos no Brasil (até à morte de Francisco de Oliveira, em março de 1914), tendo-se tornado professora e autora de manuais escolares. Já em Portugal, dedicou-se à Cruzada das Mulheres Portuguesas, movimento de beneficência que prestava auxílio às

famílias dos soldados mobilizados na I Grande Guerra. Em 1922 ainda voltou ao Brasil, onde proferiu uma série de conferências, sendo reconhecida pela sua obra, tanto em Portugal quanto no Brasil.

A carta de Ana de Castro Osório preservada no volume III da Correspondência, está datada de fevereiro de 1911, de S. Paulo, e refere-se à infeliz coincidência de o livro infantil de Afonso Lopes Vieira *Animaes nossos Amigos* (1911), ter exatamente o mesmo título do n.º 10 da coleção 'Para as crianças', *Os Animaes*, bem como de um livro adotado para as escolas com o título *Os Nossos Amigos*. Pela carta, fica implícito que terá havido pedidos de explicação sobre tal facto à editora, a Livraria Ferreira (que editou o livro de Afonso Lopes Vieira), quer conversas informais entre os dois escritores. O leitor percebe que o escritor se terá dirigido por missiva – não a Ana de Castro Osório – mas ao seu marido, e é ela quem responde, com a frontalidade que a terá caracterizado toda a vida, assinalando o facto de a editora nada ter revelado (como devia), mas sem deixar de se regozijar com o engrandecimento da literatura infantil em Portugal. No entanto, o leitor percebe que Ana de Castro Osório se sente incomodada com o menor reconhecimento dado à sua obra (por ser de uma mulher?), face ao sucesso do livro de Lopes Vieira. Provavelmente, este 'choque' de interesses levará ao corte de relações pessoais entre estes dois escritores; porém, não ao fim da admiração pelo seu trabalho. Porém, desconhecem-se outras missivas entre eles...

Maria **Fernanda Teles de Castro** e Quadros Ferro (1900-1994), filha do oficial capitão-tenente da Marinha, João Filipe das Dores de Quadros, e de Ana Isaura Teles de Castro da Silva, casou em 1922 com António Ferro. Colaborou em vários jornais. Estreou-se nas letras com o livro de poesias *Antemanhã*, de 1919. Deu uma contribuição para o género infanto-juvenil com *Mariazinha em África*, 1925, *Aventuras da Mariazinha*, *Vicente e Comp.<sup>a</sup>*, 1935, *Novas Aventuras da Mariazinha*, 1959, e *O tesouro da casa Amarela* (teatro reunido, 1932), *Maria da Lua*, 1946, que recebeu o prémio Ricardo Malheiros. Em *Cidade em Flor* e *39 poemas*, herdeira do cromatismo lírico de Cesário, canta a alegria soalheira da cidade de Lisboa, a música dos seus pregões. Outras das suas obras são: *Naúfrago*, 1935, peça dramática com o mar por tema de fundo; *Escola de maridos*, 1943; *Ao Fim da memória*, 1986; *70 anos de Poesia*, 1989 e *Cartas para além do tempo*, 1990.



A carta de Fernanda de Castro preservada no volume III da Correspondência, está datada de dezembro de 1919, de Lisboa, e mostra toda a revelância de uma estreante na literatura ao então já muito reconhecido – e com poder crítico – Lopes Vieira. Interessante a reação da jovem literata, mas não menos referenciável a do escritor com estatuto social ao enviar à iniciante na poesia as suas observações. A carta evidencia um emissor muito jovem; porém precoce o suficiente para perceber que a escrita lhe poderá trazer algo de diferente em relação ao que às expectativas limitadas da sociedade. Também no caso de Fernanda de Castro desconhecemos mais epístolas, mas o espaço para um futuro convívio intelectual estava aberto.

## Correspondência de MATILDE BENSÁUDE para ALV:

### [*Cartas e outros escriptos...*, vol. III]

PS – J’ai reçu le jornal avec votre discours sur les rapports luso belge. Je n’aime pas ce genre de littérature patrotique. J’en entend trop par les temps qui courent. Tous les pays passent leur temps à chanter comme les vaches suisses du Gros de Vaud, quando ils brouent: “Vive nous! N’a point comme nous! N’appoint comme nous, sur la terre, Vive nous, n’a point comme nous dans le canton.” Vous disé cela d’une façon plus fine et elegante, j’en conviens, mais pour le fond, cela se rassemble!!!! Pardon.

12, Place Denfert Rochereau

Paris XIV

Le 4 Mars 1917

Mon cher ami:

J’ai reçu il y une 15aine déjà, une bien bonne et amicale lettre de vous, qui m’a fait un bien grand plaisir. Toutes vos lettres me font plaisir mais celle-ci est parmi celles qui reculaient le plus clairement combien notre amitié est bonne, simple et je crois, profonde!

Je suis bien contente qu’il n’y ait rien de grave contre Sergio. Je crois sincerement qu’il est un élément très utile pour le bien de l’éducation enfantine au Portugal. Il est un sincère, un cro- / yant et non pas un amateur poseur. Quando n a une femme comme la sienne, comme compagne réelle et collaboratrice, on ne peut être qu’un integre et un sincère. Lui est une personnalité tout à fait profonde. Je m’étonne, ou plutôt, j ene m’étonne pas, car la nature humaine est peu logique, par essence même, que vous, “le poète des crises”, le bien cher ami (à notre 2nd reencontre) “un brin catatin” comme je vous disais avec un toupet qui risquait de tout gâter entre nous, dès le début, or de nous mettre suru n pied de délicieuse intimité, un jour en ramassant des cailleux uses sur la playa dorée, dans notre paradis./

Je m’étonne donc, que vous jugiez si fatalement, un homme parce qu’il prend une attitude épistement anti philosophique, ou plutôt, antiphilosophiquement égotiste. Mais, mon cher poète, si on vous jugeait sur des choses de ce genre seulement, vous n’auriez pas un ami intelligent au monde. Vos anis intelligents rient avec bienveillance de vos attitudes antiphilosophiques, en sachant que ce sont des faiblesses enfantines, d’une parte t des candidines “sine qua non” d’une autre de centaines de vos plus

charmantes qualités. Du reste cette phrase de Sergio, n'est pas si simple que cela. S'in n'avait / pas une certaine puissance sur les âmes de ceux qui l'entourent, il ne devrait pas se mêler de pédagogie. Pour faire oeuvre bonne, une éducation, il faut croire à une miroir santé, il faut sentir en soi, une force persuasive. Que tous n'ont pas. Je crois l'avoir moi, en une certaine mesure et c'est pour cela que j'ose croire (très antiphilosophiquement peut-être) que j'ai des éléments d'un bon professeur dans ma personnalité. Voilà la question liquidée. Je suis sûre que vous me pardonnerez mon "toupet" d'aujourd'hui comme celui de jadis comme celui de toujours - / comme je suis contente que vous publiez un nouveau recueil de vers. *Ilhas de Bruma* voilà qui promet d'être exquis, aussi portugais que Canções do Vento e do Sol mais voilé d'une douce tristesse mystérieuse comme celle de Bernardim Ribeiro.

Pensando vos estou, filha;

Vossa mãe me está lembrando;

Etc.....

Ce titre est de ceux qui vous ouvrent un monde de lieux – quelque chose importante que les titres, pour ma part, un poète qui en bon de beaux, met les plus forts absolus de son côté, je suis d'avis que le don des titres, "beaux comme des portiques dorés sur un ciel bleu" est le plus grand talent de Ruskin.

Je n'ai jamais eu le courage d'aller plus loin / que cela dans son oeuvre.

Pour revenir aux "Ilhas de Bruma" envoyez les moi vite je m'en rejouis infiniment. Je suis contente que Carlos et Leonardo arrivent en France. Par eux, je pense que je serai un peu plus renseignée sur les faits et gestes de mes compatriotes en France. Dans le dernier n.º du Mercure du 1er mars il y a un article très comique sur Lisbonne par un certain Giraudoux qui est bien déplaisant - cet officier, appartient à cette catégorie de français qui font tant de tout é la France. Ces sauteurs qui vendraient leur propre mère pour en faire un mot d'esprit. Est ce assez déplacé, ce son d'ironie protectrice, qu'il prend avec le pauvre officier / portugais auquel est dédié l'article, on dirait qu'il parle à un Buchiman ou autre Negorde. J'ai ris et j'ai été furieuse et indignée, encore plus comme française, que comme portugaise, qu'une geffe aussi indelicate soit commise en ce moment par un français.

Vous m'avez dit il y a qq temps que vous viendrez peut être à Paris avec une mission d'intellectuels portugais, officiellement envoyés en France. Ce projet tient-il toujours? Si la chose se fait ne croyez vous pas que mon paternel est tout indiqué pour en faire part?

Je pense, et je crois juger sainement / malgré ma grande affection pour le susdit Monsieur, qu'il y a tout une cathégorie d'intellectuels français, universitaires, scientifiques surtout, auprès desquels il peut avoir bp de succès. La sobriété et son education très "Europe centrale" même s'adresse à un grand groupe d'intellectuels. Je veux dire, par là, que la naturalité, le scientifique moderne est un type defini qui se ressemble assez partout et que mon père en est un très bon exemplaire, avec lequel ses collègues d'ici se sentaient très fraternels. Je fréquente ce milieu, par mes études, j'en connais nulle part des hommes ressemblant plus à mon père, que les savants français que je vois ici. Ils ont une frappante facente intellectuelle et son fait pour s'entendre et s'apprécier réciproquement. /

Je ne devrais pas vous dire ceci, je le sais. Je n'ai jamais parlé de cette question à mon père et il serait mécontent s'il savait, ce que je vous écris là. J'en sais même pas si cela lui conviendrait de faire partie d'une mission de ce genre, mais il m'a semblé, en connaissance du Parsifal et surtout de la France, que mon père serait une bonne acquisition pour une mission d'intellectuels portugais, ça lui ferait une bonne impression dans certains milieux intellectuels français. Pensez-y et dites-moi très franchement votre opinion. Non pas comme si vous parliez de mon père mais... du / Chat de Perse, par exemple. Je serai d'une impartialité digne d'une petite fille de Spinosa! Vous n'avez pas besoin, cher poète de me recommander d'être humaine et non une ligne droite – Je n'aime pas l'auto-analyse que je considère comme une manie débilite, mais je tiens quand-même essentiellement, à être vraie vis à vis de moi-même.

To shine own self be true

And it will follow like she might she says

That you will be true to others

Je crains la tendresse des esprits raisonnants de "jouer leur personnalité" pour la rendre claire, explicite et tyrique, comme une pièce à thèse, avec une conclusion / très morale ou immorale, mais en tous cas didactiques, que l'on précisait dès le 1er acte.

A propos, comment peut-on la décider d'Amélie Colaço à Lisbonne? Pourvu qu'elle ne se contente pas trop facilement. Ne la flattez pas, c'est un cas de conscience artistique, soyez exigeant pour son jeune talent et encouragez-la à venir apprendre le métier à Paris. Avec les traditionnels pour commencer et puis qu'elle joue au Vieux Colombier aussitôt après la guerre. Je ne voudrais pas qu'elle tombe dans le bas cabotinage inculte de Lisbonne, qui n'est que truc de pompiers et mauvaise imitation du théâtre assez bas que nous avons actuellement à Paris /



Elle est, de milieu trop artiste, de nature trop bonne, trop propre trop fine pour cela. Qu'elle apprenne le métier en France, là on le connaît – et puis qu'elle nous donne sa fraîcheur, son goût, sa jeunesse sans truc, sans des traductions de choses vraiment belles et bonnes et surtout dans des classiques de chez nous – ah, le projet d' Inês de Castro... il commence à devenir réalisable, lointainement, quando le cauchemar aura passé et qu'on mettra toute son energie à organiser la vie et non la mort.

Saudades à S. George et à Helena, le dense reme médiévale

Mathilde.

Université de Paris | École Normale Supérieure | Laboratoire de Botanique  
| 45, Rue d' Ulm

Paris, le 26 juin 1917

Mon cher vindicatif Poète,

J'ai reçu votre carte décorée d'une croix sanglante qui eut fait bien sur le vide déployée d'une ufe en pactance, moins bien, je trouve sur une carte postale. Mais même telle que, votre cuisine a été la très bien venue.

Je vous écrit du labo, avec une horrible plume perutere, pendant qu'une préparation de champignon se calese en "vert lumière". C'est vrai en effet je dois renoncer au Portugal cet été et à S. pedro. Vous dire combien j'en suis déçu est inutile, vous le savez et cela (??) mon chagrin d'en parler. Pour la première fois depuis que nous sommes amis, vous avez été naïvement méchant, mais c'est sans le vouloir j'en suis sûre, et je vous pardonne de grand coeur. Vous me dites por m'encourager à travailler pendant cet été, je pense, "n'oubliez pas que les savants sont des enfonceurs de portes ouvertes" ça c'est honné. Ah poète, psychologue, vous trouvez cela encourageant, n'oubliez pas votre titre mesetée de "peu de joie au Carrefour du village" votre rôle est d'aimer les nuages et pas de dire "à quoi bon? / Si vous m'avez dit une phrase comme celle-ci à il y a 8 jours seulement vous m'auriez fait trop de mal, mais cette semaine j'ai tellement avance mon travail et je suis si sûre d'ami fait faire une pedi (?) proprès dans le petit circle très limite et très special dans lequel je travail que vous pouvez m'appeller tout ce que vous voulez sans me décourager.

Je redige et dans un mois je remet mon manuscrit. Ah, joie de ne pas être une jaelleté et joie supheine "d'en ami fini" avec cette dure épreuve. Voilà, le vert lumiere apuis je dois entouree mon travail, cette lettre sera fini una utre

jour. Et peut être serais j edans une “crise” moins (??) qu’aujourd’hui. – qq. Heures + tard. – Je me mets à rédiger, puis on croit j’irai à la champagne si possible. Là je preparerai mês questions d’examen , les sous theses.

Je suis enchantée de voir que les portugais tennaient très bien et se font une excelente presse, depuis un mois qu’ils sont sous le feu. Moi qui me sens tellement peu portugaise en générale, j ene peux pas entendre parler avec légéreté de ce sacrifice de nos braves garçons j’en part la tête et je suis enchantée de les entendre louer. Je vais vous dire un secret (n ele dites pas aux miens. J’ai offert mês services à Mario Martinho un capitaine / qui travail avec Reynaldo dos Santos, et que j’ai rencontré à paris. Il me disais que je pourrais être utile à l’hôpital comme bistalagisté parce que le gouvernement avait defendu le depent, l’engagement de 12 étudiants en medecine qui aurait fait ce genre de travail. Je lui ai dit qu’aussitot ma thèse faite ccd cet automne j’étais à se sordes. Je crains cependant que malgré ma bonne volonté les choses en restent là, car le parlement ne se decide toujours pas à permettre aux femmes portugaises de pénétrer dans la zone des armées. Enfin si on ne veut pas de moi je rentre à Lisbonne et là il y aura aussi de la bonne besogne à faire, je pense.

Je acies d’ami une enorme auversalier avec 3 amis. (2 femmes 1 homme) sur catholicisme moyen âge, judaïsme, hellenisme, prapiés, marxisme communisme, féminisme, art graphique, Charles Magne, l’époque hispano arabe, eta utres bagatelles, je suis fatiguée et en retard, je dois vous quitter pour travailler. J’ai de la chance. Ici à le penseur nous sommes 6 étudiants 4 femmes et 2 hommes. 5 juifs et 1 chretienne, tous vraiment s’intéressant à son metier et au monde en générale. Cela donne des conversations très ardentes, très nuautés excessivement jeunes. Nous sommes tous très démocrates et pas pompiers pour un soris, c’est amusant. / Je vous repete bien souvent.

Après la guerre il faut que vous veniez à Paris quando j’y serai moi aussi ce serait si amusant de voir des tableaux des expositions, du theatre des conferences toute cette vie que j’aime tant.

Mon dieu, après la guerre. Quand juice d’elle, elle a produit bp de grande et heroiques doses elle à servis bien les choses au point, mais maintenant cella suffit, seigneur, ce n’est plus que le puïste morale et materiel qui se récuile et plus terribles chaque jour.

Je vous quite ami, poète.

En vous demandant de m’écrire une belle longue lettre cette fois.

Allez vous baigner par un beau soleil et rendez à la mer son baiser de ma part, la mer est belle partout mais je l’aime plus à S. Pedro que n’importe où.

Mês très affectueux souvenirs à la bonne Helena. Une baise à ma future élève Maria do Mar. Cordial souvenirs.

Saudades á tout ce qui vous entoure depuis la sympathique famille Bettencourt jusqu'aux crapauds fidèles en passant par votre gentille cuisinière.

Pour vous, i ont ce que j'ai de meilleur.

Mathilde.

12 Place Renfert | Rochereau | Paris XIV | le 14 Aout 1917

Mon poète

Ne vous fâchez pas contre moi. J'ai reçu votre bonne longue lettre, j'ai reçu la carte délicieuse de S. pedro qui me remplit d'une poignante nostalgie. Mais, je suis si lasse si fatiguée si ressasicée de science que je n'ai plus envie d'écrire. Ce n'est pas la science qui ma fatigue c'est de ne pas avoir des vacances / qu' il me convient pas – je suis essentiellement felnarde et la vie n'est bonne que parce que l'on a de temps en temps le droit moral de ne rien faire sans remords. Ce que je m'en payerai lorsque j'aurais ma triple hermine! Oh cher Docteur, illustre colegue comme on est bien quando on a ce petit titre qui nous permet de paorer avec un usàge fier et le consciente d'une superiorité sur le commun des mortels qui bûclent!!!

Ça c'est une crise, ou j ene m'y com- / nais pas, heureusement qu'elle va passer et que j'aurais bientôt, dès que je serai reposée, des plans et de hautes ambissions de travail.

Je vais avoir de qqs jous un liege à part. C'est peu de chose, mais cette nate est mon premier pas dans la publicite, pas un peu fluide et trembjant au fond, mais avec cette allure de confiance en soi et de "toupet" qui caracterize votre très fidèle petlé amie

Mathilde

P.S. que dite vous de la visite projetée de papa, il vient pour ma sentenança et nous repartons "ensemble". Comme se sera bom de l'avoir á Paris de vivre en studios tout les deux.

Nous irons voir des collègues!!!

Chez mês professeurs qui aiment bp papa j'en suis sûre. Dieu que je serai fier de le montrer nous allons faire une de ces noces..... Intellectuelles une reserve de musées, expositions, théâtres et conversations scientifiques pour des vrais. Je serai heureuse de montrer à papa une belle France en allure guerriere. Quel courage!

### **Correspondência de ANA DE CASTRO OSÓRIO para ALV:**

S. Paulo, 29-II-1911

Exm.º Senhor Affonso Lopes Vieira:

Por acaso fui eu que recebi o correio e vendo letra de V. Ex.<sup>a</sup> abri o seu bilhete para meu marido. Como compreenderá não lho entrego porque não é justo que lhe acrescente, aos muitos incómodos que tem tido na sua vida, mais esse que é inútil e injusto. Quem escreveu e assinou a carta para a Livraria Ferreira fui eu, porque sou eu que sou a dona dos livros e tenho sido a sua editora desde o principio. O que eu lhe disse, V. Ex.<sup>a</sup>, ou qualquer pessoa, o diria nas mesmas condições porque os títulos do seu livro são absolutamente o da minha publicação em geral: “Para as crianças” o dum livro meu – a 10.<sup>a</sup> série dessa publicação “Os Animaes” e o dum livro adotado para as escolas aqui e vendido ahi avulso “Os nossos amigos”. Achei extraordinario que a casa editora que nada tem propagandeado os livros infantis não lembrasse a V. Ex.<sup>a</sup> esta circumstancia e foi contra ella que me prenuceiei e pronuncio porque se eles tivessem outro conhecimento e interesse pelos livros de que são depositários, teriam lembrado a V. Ex.<sup>a</sup> esta semelhança.

Deveria V. Ex.<sup>a</sup> conhecermes bastantemente para saber que eu não me irritei, antes sinceramente aplaudo, que mais escritores, mais livros, venham para a minguada literatura infantil do meu país. Deve V. Ex.<sup>a</sup> lembrar-se, porque lho escrevi, que aos meus filhos li e ensinei algumas das suas lindas e ingénuas poesias, que têm o alto valor de ser educativas e sobre assuntos da Natureza. Deve talvez recordar-se que até transcrevi algumas no meu jornal infantil – “Para os pequeninos”.

O que me incomodou no primeiro artigo de reclamo nos *Regullier* (?), V. Ex.<sup>a</sup> deve lembrar-se, porque lhe mostraram a minha carta e nessa ocasião me escreveu, foi o passarem talha rasa sobre o imenso esforço que o meu trabalho representou na sociedade portuguesa onde as crianças tinham para sua leitura as “Bormas” (?) de nossas avós e pouco mais, além da biblioteca *Rose*. No entanto, o meu protesto não se exteriorizou, como podia fazê-lo aproveitando a ocasião de fazer reclame, como V. Ex.<sup>a</sup> até me disse que o fizesse. Como hoje também publicamente nada direi ficando bem satisfeita se o seu livro cahir nas mãos das pobres criancinhas portuguesas. Isto é

tanto mais sincero quanto a intenção em que estou é de tarde ou nunca voltar a trabalhar no nosso país onde não há compensação moral nem material.

Visto isto, V. Ex.<sup>a</sup> cortará as suas relações comigo, visto que sou eu, e só eu, a responsável pelo facto que o ofendeu.

Não lhe fico querendo mal, apesar de tudo, e do coração lhe desejo todas as felicidades.

Ana de Castro Osório

Brasil

Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 148-B

Lisboa, 30-12-1924

Exm.<sup>o</sup> Senhor Afonso Lopes Vieira

Não quis agradecer-lhe a gentileza da oferta da sua encantadora Diana sem a ter lido com tanto agrado, que todos os mais livros e trabalhos puz de parte para o fazer.

Que imenso serviço lhe devemos todos por tra- / zer de novo à Pátria essa joia polida em terras de Espanha e como ficou bem completo o gentilíssimo par que para o futuro seguirão juntos, "O Amadis" e a linda "Diana", pela mão do seu Padrinho!

Agradecendo a sua oferta sinto-me feliz porque cada vez tenho mais motivos para que a minha fé nos destinos de Portugal se fortaleça, sendo V. Ex.<sup>a</sup> um dos elementos de mais valor, para o grande futuro / que nos é devido.

Com a maior consideração e admiração

Mt.<sup>o</sup> ad. G.

Ana de Castro Osório

[in BML, *Cartas e outros escriptos* [...], vol. III e vol VII]